



Tese de doutorado investiga fatores relacionados a transtornos mentais em estudantes de Medicina

Divulgação Científica Saúde / Gabriel Jordani / 15 de dezembro de 2022

Saúde | Pesquisadora analisa a percepção dos alunos sobre a formação médica e destaca a importância de ações individuais e institucionais para promoção de saúde mental

*Foto: Flávio Dutra/Arquivo JUI/26 mai. 2020

A sociedade brasileira vem, ao longo dos anos, acompanhando uma crescente taxa de casos de transtornos mentais. Entre os jovens com 18 a 24 anos, por exemplo, o percentual de sintomas depressivos dobrou de 7,7% (antes da pandemia) para 14,8% (1.º trimestre de 2022), segundo dados da [pesquisa Covitel](#) (Inquérito Telefônico de Fatores de Risco para Doenças Crônicas não Transmissíveis em Tempos de Pandemia).

Um dos cursos que mais tem sido alvo de estudos em relação à saúde mental de estudantes é o de Medicina. Dentre essas pesquisas, destaca-se a [tese realizada no Programa de Pós-graduação em Psiquiatria e Ciências do Comportamento da UFRGS](#) que analisou a ocorrência de sintomas depressivos, ansiosos e/ou de consumo excessivo de álcool e os relacionou com aspectos relativos à formação médica.

A médica psiquiatra e autora do estudo, Tamires Bastos, orientada pelas professoras Simone Hauck e Pricilla Laskoski, relacionou fatores sociodemográficos e do ambiente acadêmico e sintomatologia clínica (ansiedade, depressão e abuso de álcool), com o objetivo de identificar possíveis barreiras de acesso ao tratamento psicológico/psiquiátrico.

Para isso, ela elaborou o método de pesquisa em duas etapas, uma qualitativa e outra quantitativa. Na primeira, realizada em 2018, a pesquisadora coletou 10 unidades de análise (oito grupos focais e duas entrevistas), abordando a percepção acerca da formação dos estudantes de Medicina da UFRGS.

Como resultado dessa etapa, Tamires constatou que os transtornos são articulados por fatores socioeconômicos, interagindo mutuamente com aspectos do ambiente acadêmico (clima competitivo, funcionamento institucional, relações interpessoais) e da futura carreira profissional, que possui diferentes conflitos de expectativas entre estudante, família e sociedade.

“Existe uma cultura do estudante de medicina onipotente, que nós precisamos sempre fazer e trabalhar mais e não podemos errar. Excelência se confunde, muitas vezes, com perfeição”

— Tamires Bastos

Já na etapa quantitativa, ocorrida entre no final de 2019 e início de 2020, além de serem considerados os resultados da fase anterior, Tamires utilizou questionários validados para avaliação de sintomas ansiosos (Inventário de Ansiedade de Beck), depressivos (Inventário de Depressão de Beck) e risco para abuso de álcool (Alcohol Use Disorders Identification Test – Concise).

Preencheram os questionários 382 estudantes que, após a análise das respostas, foram separados em três grupos: “em tratamento para saúde mental” (147 pessoas, 38,4%) “sem tratamento, mas com percepção de necessidade” (126 pessoas, 32,9%) e “sem tratamento e sem necessidade” (109 pessoas, 28,5%).

Constatou-se que pessoas com sintomas depressivos mais intensos têm chance aumentada de se perceber com necessidade de tratamento, enquanto sintomas ansiosos e consumo alcoólico abusivo costumam ser normalizados.

“Identificamos que geralmente as pessoas valorizam mais os sintomas depressivos ao perceber o sofrimento de um aluno. Quanto mais intenso for [o sintoma depressivo], maior é a chance daquele aluno achar que precisa de ajuda profissional”, relata a pesquisadora. “O que não acontece tanto para sintomas ansiosos, que tendem a ser mais normalizados. Se a gente focasse nesses sintomas ansiosos, a pessoa não ficaria estressada muito tempo e quem sabe não evoluísse para depressão”, afirma, complementando que outros grupos que tendem a perceber mais a necessidade de tratamento em saúde mental são mulheres e pessoas homossexuais ou bissexuais.

Alunos com pior qualidade nas relações familiares também costumam expressar de forma mais frequente a necessidade de auxílio profissional, enquanto aqueles que possuem boas relações – seja na família ou em outros espaços – tendem a adiar a busca por tratamento médico. Além disso, o isolamento em ambiente acadêmico se acentua nos casos de transtornos.

Universitários que possuem sobrecarga com as tarefas das aulas podem passar por sofrimentos psíquicos sem conseguir buscar ajuda. “Uma coisa que eu questiono muito também é o fato de a UFRGS utilizar o ordenamento para critério de matrícula. Isso é algo que aparece muito nos relatos dos alunos como estressor”, relata Tamires.

A pesquisadora ressalta que, mesmo no grupo que não percebe a necessidade de tratamento, a ocorrência de sintomas significativos foi de 20% para depressão, 30% para ansiedade e 45% para risco moderado ou grave de abuso de álcool.

Mudança de cenário com ações afirmativas

Um dos pontos destacados por Tamires é a possível influência que alunos cotistas têm nos dados, uma vez que os transtornos mentais estão mais presentes em pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Ela destaca que ainda é necessário efetuar pesquisas mais aprofundadas nesse quesito, a fim de entender melhor os problemas causados a essa parcela da população. Além disso, com o uso de novos dados, as políticas de ações afirmativas poderão ser melhor aplicadas.

Outro fator que aparece na pesquisa como estressor é a fase de preparação para o vestibular. Como os cursos de Medicina são os mais procurados para vestibulandos, os candidatos precisam de uma nota alta nos exames, o que os leva a passar por alguns anos de alta tensão, pressão e muito estudo.

“As intervenções precisam ser globais, sejam elas individuais ou em grupos. Exemplos de ações individuais são triagens para transtorno mental, programas de apoio, suportes financeiros para pessoas se tratarem – o que já existe na UFRGS, mas restrito a uma faixa de pessoas com renda até um salário mínimo e meio, que podem receber por mês R\$250 para o tratamento”, destaca a psiquiatra. Quanto às intervenções em grupo, Tamires destaca que deveria haver uma mentoria, estimulando relações de pertencimento e práticas de exercícios físicos.

A autora da pesquisa diz que as próprias instituições de ensino devem repensar seus métodos de avaliação, estrutura curricular e carga horária. Por fim, ela ressalta que é necessário preparar os professores para identificar alunos que apresentarem sintomas depressivos.

:: Posts relacionados



Trabalho remoto pode repercutir diretamente na saúde física e mental, aponta dissertação



Pesquisa avalia relações entre distúrbios do sono e estresse pós-traumático



Dissertação aponta queda de diagnósticos de câncer de pele no HCPA durante o primeiro ano de pandemi...



Tese com interface em comunicação e saúde estuda recepção de campanhas de prevenção ao suicídio entr...

Realização



Apoio



Parceiros

: Pró-Reitoria de Pós-Graduação
: Zenit – Parque Científico e Tecnológico da UFRGS
: Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico
: Rádio da Universidade
: UFRGS TV
: Comissão Assessora de Edição de Periódicos
: Disciplina “Do laboratório para a sociedade: técnicas de divulgação para a sociedade de avanços científicos desenvolvidos na UFRGS”

Contato

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS
Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8. andar |
Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060
3308 3368
jornal@ufrgs.br

